



## **Educomunicação e Violência Escolar<sup>1</sup>**

Jones MACHADO<sup>2</sup>

Shelli Uílla da Rosa VIDOTO<sup>3</sup>

Cadiani Lanes GARCEZ<sup>4</sup>

Kauan Prates GONÇALVES<sup>5</sup>

Rosane ROSA<sup>6</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

### **RESUMO**

Este artigo aborda concepções de educomunicação e relata uma experiência de comunicação comunitária, a partir do projeto *Educação Com & Para a Mídia*. Por meio da técnica de grupo focal, aferiram-se as percepções dos conteúdos veiculados pelas mídias televisiva e impressa e a relação de fatos noticiosos a respeito da violência escolar com a realidade diária de estudantes da 6ª série do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, da cidade de Santa Maria. Este projeto de educação para a mídia representa uma possibilidade de que os processos comunicativo e educativo revelem-se formadores de sujeitos que exerçam de forma plena a cidadania. Isso só é possível, graças ao desenvolvimento da capacidade crítica dos indivíduos, que aprender pensar e fazer comunicação a partir do ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Comunitária; Educomunicação; Violência; Cidadania.

### **Educar na Era da Informação**

O século XX e o início do século XXI registraram grandes mudanças em todos os setores da vida: econômico, social, político e cultural. Dentre elas, destacam-se as evoluções das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs); através das quais é possível perceber diferenças nas relações sociais, no modo de educar e formar cidadãos.

Entretanto, as oportunidades para a promoção da cidadania podem não ter acompanhado o ritmo do desenvolvimento das TICs uma vez que ainda não foram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Acadêmico de Graduação 7º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [jonesm2@hotmail.com](mailto:jonesm2@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica de Graduação 7º semestre do Curso de Relações Públicas da UFSM. E-mail: [shellividoto@hotmail.com](mailto:shellividoto@hotmail.com)

<sup>4</sup> Acadêmica de Graduação 7º semestre do Curso de Relações Públicas da UFSM. E-mail: [cadiani@hotmail.com](mailto:cadiani@hotmail.com)

<sup>5</sup> Acadêmico de Graduação 5º semestre do Curso de Relações Públicas da UFSM. E-mail: [kauanpg@hotmail.com](mailto:kauanpg@hotmail.com)

<sup>6</sup> Profª. orientadora, Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [rosane.rosa@terra.com.br](mailto:rosane.rosa@terra.com.br)



notados benefícios significativos nas esferas da sociedade, no que diz respeito a considerar o caráter dialógico da educação como determinante na constante transformação da realidade.

Em face do exposto, algumas perguntas merecem reflexão. O que as pessoas precisam aprender atualmente para dar conta dos desafios do cotidiano? Ou, é necessário ensinar a pensar, criticar, interpretar, a serem cidadãos capazes de defender seus direitos e cumprirem seus deveres?

Gutierrez (1996 apud Soares, 2000) propõe que na era da informação a escola eduque mais para a “sensibilidade humana” do que para “racionalidade abstrata”. Segundo a concepção dos autores, trata-se de uma forma de educação que prepara para as incertezas da vida, para interpretação e significação da realidade. Esse tipo de educação prepara cidadãos para serem protagonistas da própria história, capaz de, criticamente, apropriar-se da cultura de sua comunidade e interagir com a sociedade como um todo.

A educomunicação aparece como alternativa para esse processo de desenvolvimento, pois através dela abre-se um campo para o diálogo e um espaço criativo para o exercício crítico dos indivíduos. Advém daí uma possibilidade da ampliação do exercício da cidadania em tempos de meios massivos de comunicação onde o leitor/telespectador deve extrapolar o papel de receptor de conteúdos.

Sob essa perspectiva, o projeto *Educação Com & Para a Mídia* neste trabalho intitulado *Violência escolar - o impacto social de agressões no ambiente escolar*, desenvolvido no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, foi criado a partir de debates na disciplina de Comunicação Comunitária sobre o processo de educação para a mídia.

O projeto de ensino e extensão sobre violência no âmbito escolar teve por finalidade contribuir para a formação cidadã, por meio do desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos em relação à temática proposta. Ainda, foram princípios que guiaram seu desenvolvimento - a saber - a promoção de reflexões acerca de fatos que ganharam visibilidade midiática sobre violência escolar; a formação de uma rede de ideias e vivências dos alunos envolvidos.

### **Educomunicação e Cidadania**

Quando se fala em educação, normalmente lembra-se do período escolar, relacionando assim educação com estudo regular. Educação, no entanto, não pode ficar



restrita aos anos em que se frequenta a escola, mas, caracterizar-se como um processo amplo natural e gradual. Educação é tudo o que se aprende durante a vida, nos mais diversos espaços de sociabilidade e de relações políticas e culturais.

Segundo Hegel (apud NOVELLI, 2001, p. 65), “não há sociedade que se sustente sem a educação, pois ela é expressão da razão que busca estabelecer a liberdade e implantá-la enquanto prática corrente”. Para complementar, Novelli (2001, p. 82) defende que se constitui em uma situação de caráter dialético, “não há auto-suficiência senão pela dependência, pela aceitação da relação. Nem professor nem aluno adquirem a plenitude de suas identidades após o retorno a si, mas contribuem para que as mesmas possam ser, participando do processo”. Com relação ao sujeito, o mesmo autor argumenta que “o homem pode ser compreendido como alguém ativo ou passivo, que já está pronto e é levado a desenvolver-se ou que precisa participar ativamente de sua construção”. Com base no exposto, cabe ressaltar a essência de educomunicação - a interação de caráter dialógico - que resulta em aprendizado e possibilita maior qualidade de participação na sociedade enquanto cidadão, cuja identidade se forma e se fortalece na relação com o outro, começando pelo ambiente escolar.

O exercício dessa condição dá-se através da cidadania<sup>7</sup> que significa direitos de cidadão, sejam eles civis, políticos e sociais. Segundo Marshall, “a cidadania é um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status” (1967, p. 76).

A cidadania é uma lei da sociedade e o respeito ao indivíduo é a consagração dessa cidadania, pela qual uma lista de princípios gerais e abstratos se impõe como um corpo de direitos concretos. A qualidade de cidadão se aprende em todos os ambientes sociais, de forma especial na escola. É assim que ela se torna um processo natural, transformando-se em uma espécie de herança social, em um estado de espírito enraizado na cultura, passado de geração para geração.

Richard Flores expõe que

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam

---

<sup>7</sup> O desenvolvimento da cidadania tem a ver com o período histórico, do país ou do lugar em que vivemos. Para Milton Santos, o simples fato de nascer investe o indivíduo de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna (1987. p. 19).



diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (1993, apud CANCLINI, 1996, p. 22).

Nessa perspectiva, a cidadania pode ser vista como uma prática social que dá sentido de pertencimento, tomada como processo cultural. Este sentido de pertencimento é dado pelo fato de um sujeito participar das mesmas ações, atividades, práticas e trabalhos sociais que outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo.

Percebe-se a cidadania de forma ampla, fazendo parte da vida do cidadão em diferentes aspectos, desde os direitos adquiridos ao nascer até àqueles que precisam ser desenvolvidos como participação política e social. A cidadania precisa ser aprendida e desenvolvida pelas pessoas para ser exercida em sua plenitude.

Já a noção de “cidadania comunicativa”, desenvolvida por Mata (2006), pode ser entendida como o reconhecimento da capacidade do sujeito de atuar no terreno da comunicação pública, no pleno exercício do direito de se comunicar. A educomunicação contribui para o desenvolvimento dessa competência e na conquista desse direito.

A comunicação é vista mais como o que é transmitida pela grande mídia: TV, rádio ou jornal. Mas não podemos esquecer que, a forma como se interage entre amigos, pais, colegas e professores ou no envio de recados via bilhetinho, *e-mail* ou cartaz no mural, também é comunicação. Segundo Peruzzolo,

a comunicação é primordialmente uma relação; uma relação entre um sujeito que procura de alguma forma um encontro com e que, por sua vez, é procurado, nem toda relação é uma comunicação, mas toda comunicação é uma relação. Esta relação é estabelecida por um meio – a mensagem – que se torna então o meio de entrar em relação; ela é um ato, uma ação, que relaciona seres que se comunicam (relacionam) (2004, p. 21).

A educomunicação se utiliza de um meio para se comunicar com a comunidade escolar. Assim, a comunicação se torna bem mais próxima do cotidiano escolar. Analisando dessa forma, é possível pensar a educomunicação como uma forma inovadora e eficaz de educar e comunicar, uma vez que ela engloba

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SARTORI; SOARES apud SOARES, 2002, p. 115).



Assim, percebe-se a educomunicação como parte da vida cotidiana, nas simples ações presentes nos processos de comunicação. Neste aspecto, destacam-se dois ramos da educomunicação, um como mediação tecnológica na educação, e a outra; a educação para a comunicação (SOARES, 2002). A primeira diz respeito às mudanças ocorridas na vida de pessoas e de grupos sociais devido às novas tecnologias e ao uso destas no desenvolvimento da educação. A segunda analisa a recepção e cria reflexões em torno do processo comunicacional, seus sujeitos, como é produzida e como é entendida pelos receptores.

A educomunicação, fruto da experiência prática de educadores-comunicadores populares como Paulo Freire e Mário Kaplún, pode ser vista ainda como o ensino de como são feitos e processados os meios de comunicação (jornal, TV, rádio, internet). Trata-se, por exemplo, de ir ao encontro de jovens e apresentar a eles um jornal e, posteriormente, desconstruí-lo, mostrando o processo de construção da notícia à impressão, passando pela redação e pela edição. Esse processo é desenvolvido por comunicadores e educadores com o intuito de despertar a consciência crítica de crianças e jovens.

A educomunicação, como prática informal de aprendizado, possibilita a formação de opiniões críticas dentro e fora da sala de aula. Por isso, torna-se relevante criar pontos de convergência entre os ensinamentos da sala de aula e da vida cotidiana das crianças, com a finalidade de orientá-las na construção de valores humanos e éticos. Paulo Freire (1996, p. 25) explica que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nesse contexto, o papel da escola não o de transmissora, mas de espaço e sujeito de construção de conhecimento. Assim orientados, os educandos serão capazes de olhar criticamente os acontecimentos que os cercam no cotidiano e, assim, construir sua própria interpretação.

Desse modo, a educomunicação é um meio de desenvolver a cidadania, promover a participação de crianças e adolescentes, instigar a imaginação e a capacidade política e crítica e, além disso, possibilitar a tomada de consciência dos sujeitos envolvidos no processo de temas sociais que dizem respeito ao seu cotidiano.

### **Educomunicação e a violência escolar**

A violência escolar apresenta-se como um dos problemas da sociedade contemporânea enfrentado por professores e gestores educacionais. Tal asserção é corroborada com os índices alarmantes de ocorrências de fatos dessa natureza nas



escolas de ensino fundamental e médio do Brasil. Essa realidade é mostrada diariamente nos noticiários nacionais e, atualmente, as telenovelas abordam com frequência essa problemática social. Em face do exposto, propôs-se a incursão nesse tema a partir de matérias publicadas em dois jornais da cidade de Santa Maria: *A Razão* e *O Diário de Santa Maria*, e também do núcleo da Novela *Caminho das Índias*<sup>8</sup>, que mostram a má conduta do personagem Zeca<sup>9</sup> e de seus amigos.

Esse trabalho sobre a temática da violência escolar levou em consideração o papel da escola, juntamente com os pais, de educar para a convivência social e para o exercício da cidadania. Nesse sentido, a educomunicação está comprometida com o desenvolvimento de uma determinada comunidade e tem por finalidade inserir os indivíduos no processo comunicacional, possibilitando assim que estes se tornem sujeitos ativos do processo de conhecimento.

Com o intuito de possibilitar tal cenário, os métodos pedagógicos atuais recorrem à mídia para complementar a educação formal e não-formal. Nesse sentido, os meios de comunicação massivos podem difundir conteúdos cívicos e éticos que contribuem no processo educativo dos diferentes segmentos sociais; uma vez que se valem de uma linguagem acessível. Dessa forma, a mídia como formadora de opinião - e mais do que isso - agente da formação dos atores sociais, pode veicular conteúdos informativos e formativos, a saber; de respeito às diversidades que constituem a sociedade contemporânea.

### **Aspectos metodológicos**

Apesar de ser uma questão de interesse geral e que atinge estudantes de todas as faixas etárias, optou-se por discutir a temática da violência na escola com crianças de idades entre 11 e 13 anos, pois, matérias jornalísticas presentes no objeto de estudo noticiavam situações de agressão entre alunos desta faixa etária.

Os pesquisadores compareceram no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac no dia 19 de maio de 2009 com o intuito de trabalhar com uma turma de 6ª série com 25 estudantes, entretanto, o grupo deparou-se com um desafio proposto pela coordenadora pedagógica da escola. Como existiam duas turmas de 6ª série com muitas diferenças, dentre elas, a capacidade de concentração e diferentes valores dos alunos de uma turma

---

<sup>8</sup> Telenovela escrita por Glória Perez e exibida de 19 de janeiro de 2009 a 11 de setembro de 2009, pela Rede Globo de Televisão, no horário da 21h.

<sup>9</sup> Personagem interpretado pelo ator Duda Nagle em *Caminho das Índias*, o qual apresentava comportamentos baseados na indisciplina, arrogância, desrespeito e violência.



em relação à outra, a proposta foi de que fossem trabalhadas separadamente. Além disso, o tema do trabalho vinha ao encontro das ideias de um projeto realizado pela própria escola – *Projeto Limites*. Assim, com o intuito de enriquecer a gama de informações coletadas, os pesquisadores acolheram a proposta e promoveram o debate, através da técnica de grupo focal nas duas turmas da 6ª série, formando dois grupos de discussão.

A técnica de Grupo Focal é caracterizada como uma forma de debate sobre um assunto específico. Morgan (1997) a define como uma “técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” (apud Gondim, 2002). A partir dessa conceituação pode-se aferir que a interação entre os participantes dá-se através do estímulo ao senso crítico de cada pessoa, ao passo que o mediador delimita temas e situações que são de conhecimento desta, para motivar a exposição das opiniões.

Com o objetivo de estruturar e mediar um debate em que as opiniões do grupo fossem expostas e reconhecidas, foi estabelecido um moderador do Grupo Focal, que norteou a discussão no foco específico do debate. Ele teve também a função de estimular os participantes a expor suas opiniões, mesmo que opostas aos dos colegas a fim de construir uma rede de idéias. Desse modo, a troca de ideias entre os participantes do Grupo Focal garante o aprofundamento da temática, a auto-aprendizagem e a autocrítica dos mesmos.

Para que a interação entre o grupo fosse satisfatória, a escolha dos elementos foi avaliada criteriosamente, uma vez que interfere no desenvolvimento da discussão quando se leva em conta fatores como o convívio ou a falta deste entre os membros, a capacidade de apresentação em público das pessoas, o acesso à informação, dentre outros. Para minimizar as dificuldades, os pesquisadores preocuparam-se em construir um clima que possibilitou a livre exposição de ideias; além de escolher um tema de interesse dos participantes e que teve visibilidade midiática.

No início das discussões, propôs-se a formação de um círculo para que as ideias pudessem ser melhor ouvidas e entendidas por todos.

### **Análise Interpretativa dos Grupos Focais**

A partir da metodologia utilizada, a experiência com os estudantes da primeira turma pesquisada, mostrou-se muito produtiva em relação ao nível de participação. Identificada como “turma 62”, e considerada pelos educadores como sendo a mais





disciplinada dentre as quatro turmas de 6ª série da escola, nela predominavam alunos com idade entre 11 e 12 anos. Já a “turma 64” é motivo de maiores preocupações por parte dos professores e da diretoria da instituição, pois o rendimento dos estudantes é insatisfatório. Formada por 25 alunos, aproximadamente, a faixa etária predominante é de 12 e 13 anos. Assim, a experiência de pesquisa nessa sala de aula fez-se de grande relevância ao coletarmos informações diferenciadas das já adquiridas.

Ao ser proposta a formação de um círculo, a “turma 62” dispersou-se e, a partir disso, pôde-se notar que o controle sobre o comportamento dos alunos se tornaria outro desafio para os pesquisadores. Nesse momento, a coordenadora pedagógica de ensino, a vice-diretora e a professora que lecionava na turma se faziam presentes, o que facilitou o controle parcial da agitação dos alunos. A reação da “turma 64” foi diferente, pois se mostrou bastante resistente não se posicionaram de forma adequada ao trabalho, impedindo a boa circulação das informações, pois a explanação das opiniões ficava restrita a pequenos grupos. Desse modo, fez-se necessária a locomoção do mediador entre os pequenos grupos separados ouvir suas opiniões.

Para a introdução do tema violência escolar, iniciou-se a conversa por um assunto genérico: a televisão. A partir deste ponto, foi-se aprofundando a questão até se chegar em um dos objetos de estudo – o caso do adolescente “Zeca”, da novela *Caminho das Índias*. No âmbito da “turma 62” surgiram, então, explicações diferenciadas a respeito da conduta adotada pelo personagem da novela. Ao julgar o comportamento de “Zeca” socialmente impróprio e desrespeitoso, a turma reconheceu algumas das causas das atitudes deste jovem; tais como o racismo – com relação ao indiano; e o apoio dos pais, que não orientam, “não limitam e nem punem o filho” quando realiza ações anti-sociais, conflitantes e violentas provocando desavenças na escola e na comunidade.

Já na “turma 64”, o “caso Zeca” provocou certo alarde entre os meninos, que riam e ironizavam ao declarar que a “diversão” do personagem - sarcasmo, agressões - fazia dele um “garoto legal”. Um dos alunos justificou: “ele tem carro, briga bem...”. Outra colega completou: “Ele é bonito, forte e sarado...”. Entretanto, quando indagados sobre as causas e consequências das ações deste indivíduo, a turma apresenta uma série informações, tais como, superproteção dos pais sobre as atitudes impróprias por ele tomadas, agressividade, desrespeito, *bullying* e racismo.

Em um segundo momento, abordou-se a prática de leitura de matérias jornalísticas de veículos de comunicação locais, como os jornais diários *A Razão* e





*Diário de Santa Maria*, envolvendo a temática em pauta na pesquisa, a fim de identificar o conhecimento da “turma 62” a respeito das notícias que seriam trazidas para discussão em sala de aula. Nessas circunstâncias, foram expostos vários depoimentos sobre o conhecimento de atos de violência entre alunos. Um dos participantes do Grupo Focal confessou participar nesses atos de “esperteza” e malandragem, o que foi considerado natural e engraçado pelos demais alunos. Além destes relatos no ambiente escolar, os alunos expuseram experiências de violência entre vizinhos e pessoas próximas. Segundo especialistas – a convivência cotidiana com essa realidade de violência pode vir a comprometer a formação moral e ética destas. Assim, a convivência com os “agressores” pode minimizar os julgamentos sobre a conduta errônea do personagem e gerar ambiguidades nas ideias expostas e nas próprias atitudes.

A “turma 64” mostrou-se desinteressada e desconhecedora das notícias que os pesquisadores traziam para a análise. Superando essa barreira e a distração de alguns participantes, a turma compreendeu rapidamente os acontecimentos noticiados e, logo, alguns alunos relataram experiências envolvendo algum tipo de violência entre vizinhos e colegas. Assim, pôde-se conhecer, também, as visões dos alunos quanto às causas da violência; sendo uma delas, citada por um estudante, a prática frequente dos “jogos violentos de videogame” que influencia no comportamento de crianças e adolescentes.

Nesse contexto, volta-se ao “caso Zeca” com o intuito de instigar os alunos a pensar sobre quais as medidas que podem ser tomadas para que o personagem, e também os próprios exemplos trazidos pelos jovens locais, mudem o comportamento de vandalismo e violência. Assim, os alunos da “turma 62” sugerem medidas disciplinares que podem alterar a conduta dos jovens, tais como a “divisão de tarefas” entre os membros da família e o respeito com o espaço coletivo.

No contexto escolar em que as turmas estão inseridas, percebe-se uma certa diferença no tipo de educação familiar e imposição de limites de uma turma para outra. Acredita-se que, também devido a isso, a “turma 62” apresenta melhor rendimento e possui alunos mais centrados, mesmo que com menos idade com relação aos da “turma 64”.

### **Considerações finais**

A importância das oportunidades e experiências comunicativas para indivíduos em formação representa mais do que simplesmente ter assegurado o direito de expressão. Significa a possibilidade de participar ativamente de um processo de



construção de cidadania por meio da educomunicação, que se constitui como uma forma dialógica e inclusiva de construção de conhecimento, troca de vivências, desenvolvimento da capacidade crítica e participação no processo educativo.

Educar na sociedade contemporânea pressupõe lançar mão de novos recursos metodológicos e tecnológicos de ensino-aprendizagem. É nesse contexto que se apresenta a educomunicação como uma alternativa de atender ao princípio de que os sujeitos devem participar ativamente na sociedade. Nesse sentido, este trabalho buscou incluir estudantes de uma escola de ensino público no processo comunicativo, a fim de desconstruir as representações de violência escolar apresentadas pela mídia e correlacionar com sua realidade cotidiana.

A pesquisa na “turma 62” foi de extrema relevância para a coleta de opiniões sobre as causas, práticas, consequências e soluções da violência nas escolas. Pôde-se abordar todos os tópicos essenciais para o andamento satisfatório da pesquisa, voltada para a reflexão sobre a violência, uma questão que atinge a vida dos alunos cada vez mais cedo e com mais intensidade. Já na “turma 64”, a falta de atenção e o desinteresse dos alunos no trabalho proposto pelos pesquisadores dificultaram o andamento do trabalho, fazendo com que poucos dados fossem coletados, mesmo assim acredita-se na validade dos questionamentos e das conexões da realidade de violência mostrada na mídia e vivenciada no cotidiano.

Dessa forma, os veículos de comunicação são suportes que viabilizam a reflexão de problemas sociais e um novo modo de “fazer a educação” - por meio de projetos educativos interdisciplinares que fortalecem a cidadania - viabilizando uma sociedade mais crítica e atenta aos seus direitos e deveres.

Nesse sentido, a Disciplina de Comunicação Comunitária do Curso de Relações Públicas da UFSM possibilitou pensar a comunicação como meio que promova a interação e a democratização de saberes; visto sua essência que é a de pôr os sujeitos em relação, de partilhar experiências. Desse modo, ao participar de projetos dessa natureza junto a grupos sociais externos, os acadêmicos do Curso de Relações Públicas vivenciaram a experiência de mediadores do processo de comunicação por meio de metodologias aprendidas em aula.

### **Referências bibliográficas**

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONDIM, S. M. G.. **Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-162, 2002.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos. São Leopoldo, vol. VIII, n. 1, jan./abr. 2006.

NOVELLI, P.G. The Hegelian concept of education. **Interface** – Comunic, Saúde, Educ. v.5, n.9, p.65-88, 2001.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em 16 mar. 2009.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de Semiótica**: quando aprender é fazer. Bauru, SP: Edusc, 2004.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. Concepção dialógica e as NTICs: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – **Anais...** Recife, 19 a 22 – set. 2005.

SOARES, I. O. . Educomunicação, um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v. VII, n. 19, p. 12-24, 2000.

\_\_\_\_\_. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**. São Paulo, n. 23, p. 16-25, 2002.

Educação e Mídia. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/dados/pp/edh/br/pnedh1/edu\\_midia\\_pnedh.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/pp/edh/br/pnedh1/edu_midia_pnedh.pdf)>. Acesso em 01 jun. 2009.